

FERNANDO PEDREIRA

A vez do Congresso

ESTADO DE SÃO PAULO

“Acho que sim. Mas, é preciso não desconhecer que, por motivos comerciais, ele costumava procurar histórias, enredos conhecidos. No caso de Macbeth, por exemplo, ocupava naquele momento o trono da Grã-Bretanha um rei escocês que havia escrito um tratado de demonologia e, além disso, descendia de um dos personagens da peça: Banquo. Tudo isso convinha. Agora, Banquo, segundo a crônica histórica de Hol-



É muito bom ter um presidente que não joga para a arquibancada

linshed (que Shakespeare tinha lido), desempenhara um papel melancólico e Shakespeare foi forçado a fazer dele um herói, para não desagradar ao rei. Mudou a história, portanto. Ao que parece, o Macbeth real havia sido um bom governante, mas foi preciso transformá-lo em tirano; seu reinado durou, talvez, uns nove ou dez anos, mas convinha a Shakespeare concentrar a ação e Macbeth acabou sendo o seu drama mais rápido; começa já a galope com a cena das feiticeiras: ‘When shall we three meet again? In thunder, in lightning or in rain? (Quando nos encontraremos, de novo, as três? Sob trovões, relâmpagos, ou aguaceiros?)’

Mas, a tradução literal pode ser a mais infiel de todas. O inglês tem uma considerável vantagem sobre as outras línguas do Ocidente. Numericamente, tem mais palavras de origem latina do que de origem saxônica, mas suas palavras-chaves são saxônicas, isto é, germânicas. E o ambiente, digamos assim, de cada palavra é um pouco diferente. O que não tem importância se traduzimos, por exemplo, um livro de lógica ou de filosofia. Mas, num poema, o ritmo e o ambiente das palavras importam talvez mais do que o sentimento.

O inglês tem sempre dois termos para cada noção: um, de origem saxônica, em geral curto, e outro, de origem latina, mais longo e mais abstrato. O inglês é a língua mais física que eu conheço; o espa-

nhol é relativamente abstrato e o latim também. O inglês é muito físico, e esta é uma condição capital para a poesia. Assim como a possibilidade de fazer jogar, entre elas, palavras saxônicas e palavras latinas... Você pode constatar isso num livro que se tornou a obra clássica da literatura inglesa: a tradução da Bíblia feita na época do rei James I, autor do tratado de demonologia e contemporâneo de Macbeth: The King James

Bible, a Bíblia do rei James.

O inglês de Shakespeare era ainda mais rico e flexível que o de hoje: o poeta podia recorrer livremente aos neologismos, que eram bem aceitos pelo público. Mas, para escrever, Shakespeare precisava de um estímulo; precisava da obrigação de criar uma nova peça para sua companhia de atores e, mesmo, de uma data certa para entregar seu trabalho. Desde que ficou rico, e perdeu esse estímulo, deixou de escrever. Em seus últimos anos, Shakespeare não produziu mais nada, a não ser seu próprio epitáfio, ou seu testamento, deliberadamente prosaico. Conta Paul Groussac que o bardo morreu logo depois de participar de uma grande comilança com atores que vieram visitá-lo, em Londres. Nessa época, ele se havia inteiramente consagrado às disputas judiciais. A coisa jurídica o atraía sempre, o que se pode comprovar pelo grande número de metáforas tomadas aos códigos, que ele usa em seus poemas. Mas esse interesse cresceu com os anos, a tal ponto que Shakespeare encheu sua velhice de processos, e por motivos mesquinhos... Pois a verdade, por mais triste que seja para nós reconhecê-lo, é que Shakespeare se tornara um agiota: emprestava dinheiro a juros. Em outras palavras, esqueceu que podia ser um grande poeta e preferiu ser homem de penhores e processos. Escolheu um destino estranho, um tanto incompreensível para mim.”

Jorge Luis Borges, Últimos Diálogos, com Oswaldo Ferrari

Ler — e traduzir — textos de Jorge Luis Borges, além de ajudar a espantar os calores do verão, pode servir também para encher utilmente o tempo enquanto esperamos que se instaurem, afinal, as lideranças do novo Congresso, que vai permitir a Fernando Henrique implementar o seu programa de reformas. Borges era um cidadão do mundo; quis morrer em Genebra, na Cidade Velha, onde havia morado e estudado no princípio do século. Mas era também argentino, talvez o mais ilustre dos argentinos, e aprender com ele não deixa de ser uma maneira inteligente de prestigiar o Mercosul...

A relação entre os intelectuais e o poder é uma relação de amor e ódio, um casamento (ou descasamento) que nem sempre assume

sua dimensão burguesa, produtiva e prolífica. Quando era ainda pouco mais que aprendiz de político, Fernando Henrique observou que o papel do intelectual não devia ser o de cochichar nos ouvidos do príncipe — coisa que o inglês Cyril Connolly exprimiu talvez de maneira mais poética: “É melhor ser o liquen na pedra do que cravo na lapela do presidente”...

Clemenceau, o governante francês, celebrou-se por ser homem de respostas inesperadas. Certa vez, como lhe perguntassem por que havia enchido seu Ministério de políticos octogenários, respondeu: “Porque não encontrei nonagenários”. É dele também a observação famosa de que “a guerra é coisa séria demais para ser deixada na mão dos militares”.

Um intelectual, enfim, talvez possa ser definido, no melhor dos casos ou na maioria deles, como um homem em geral capaz de esconder suas dúvidas e incertezas por trás de frases de espírito. Cheio de certezas, ao contrário, ele pode ser, ou se tornar, um perigo. A história das idéias e dos povos está repleta de exemplos de homens assim, temíveis ou, apenas, catastróficos. Às vezes, nem mesmo precisam ser, a rigor, intelectuais: há cinco anos, as primeiras providências de Fernando Collor abalaram o País, jogaram pela janela o bebê com a água do banho...

Parodiando Clemenceau, talvez se pudesse dizer que a economia é coisa demasiado séria para ser deixada na mão dos economistas e banqueiros. De um modo ou de outro, por mais que isso frustre nossas expectativas de viciados em notícias e novidades, é muito bom ter um presidente da República que não joga para a arquibancada, que não faz jogo de cena e sabe onde agir e como agir. A inflação está contida, a economia se expande, melhoram os salários e os empregos, mas as reformas que nos permitirão garantir e aperfeiçoar esse quadro dependem do Congresso. Esperemos que os amigos e aliados do presidente não lhe faltem. Não nos faltem. Haja saco.

■ Fernando Pedreira é jornalista e escritor

